



MÍDIA, GESTÃO DO CONHECIMENTO E COGNIÇÃO COMO BALIZADORES PARA UMA GESTÃO EMPREENDEDORA NA INCLUSÃO SÓCIO EDUCATIVA DIGITAL

CARLA SILVANIRA BOHN

RESUMO: A criação de um ambiente sócio - educacional tecnologicamente adequado, que atenda as necessidades e as transformações sociais vivenciadas no dia a dia, pressupõe desenvolver um programa que integre toda a comunidade, garanta acessibilidade, sustentabilidade e continuidade do mesmo. Não obstante as dificuldades no âmbito financeiro, regulatório ou tecnológico, a montagem de redes municipais de acesso a novas mídias e formas de comunicação se multiplicam por todo país, na maioria dos casos, apontam melhoria nos indicadores sociais, educacionais e econômicos. Pautado em exemplos tanto embrionários como já vigentes de Cidades chamadas Digitais, espelha-se a possibilidade e tem-se como objetivo a implantação e implementação do programa de interconexão entre dispositivos de TI que torne real a inclusão sócio – educativa, tendo como ferramenta principal e seu catalisador a comunicação ensino – aprendizagem, através de seus corpos docentes, discentes e suas famílias. Nessa ótica, focando um protótipo e modelagem tecnológico-pedagógico, percebe-se que a inserção do programa de Inclusão Digital, através da gestão do conhecimento - cognição e mídias pode ser a alavanca na mediação e construção do conhecimento e pressupõe o empreendedorismo social.

Palavras- chave: Inclusão Digital – mídias - sustentabilidade – cognição - conhecimento.

1. INTRODUÇÃO

A dinâmica do fluxo de informações nos dias atuais, através da acessibilidade por novas mídias, fenômeno da sociedade contemporânea, entendido por “globalização”, remete a uma constante busca pelo aprimoramento dos conhecimentos nas mais diversificadas áreas de concentração do conhecimento. A velocidade em que os meios de comunicação avançam, transformam o cotidiano dos indivíduos e promovem mudanças de comportamento e padrões sociais pré-estabelecidos.

Com a evolução das contradições modernas entre o desenvolvimento tecnológico e as relações humanas, a educação em seus diferentes níveis, tem um papel de fundamental importância, compreender, e, visando diminuir as adversidades, incluir tanto alunos e suas famílias, quanto professores a esta nova era, de maneira que oportunize e promova uma aliança propositiva e positiva entre as novas tecnologias e a prática pedagógica docente.

Percebe-se claramente a necessidade de não se ignorar a presença positiva do novo “homem virtual” e conseqüentemente a tecnologia trazida por ele, inclusive para a educação. Mas paralela a esta posição, a dificuldade de aceite nas escolas para o uso de novas tecnologias ainda é, sobremaneira, proporcionada pela impotência diante das máquinas. Professores e alunos enfrentam diariamente dificuldades, por um lado, suas restrições financeiras, que acabam impedindo o uso direto dos equipamentos aos quais somente a escola é sua porta de acesso, por outro se deparam com sério agravante, inevitavelmente encontram àqueles que dominam fácil e habilmente as ferramentas e este conflito torna ainda mais complexa a integração de alunos e professores ao processo, pois se sentem à deriva, incapazes frente ao computador, seja por desestímulo de ordem pessoal ou falta de capacitação e atualização profissional.

Esta realidade está presente nos bancos escolares.

Neste contexto, a implantação de um programa de Inclusão Sócio Educativo Digital Municipal converge às necessidades atuais, e, se bem estruturado e organizado torna-se um forte aliado no processo de construção do conhecimento. Partindo do pressuposto que a educação pertence ao âmbito imaterial, das idéias, conceitos, símbolos, atitudes, hábitos e habilidades é mais do que significativo e coerente adicionar às suas práticas cotidianas um ambiente moderno e virtualmente educativo.

A influência das novas tecnologias na educação no tocante ao desenvolvimento do aluno como ser social é indiscutível, mediante a isso se faz necessário a educação considerar a relevância, a significância, a representatividade, a variabilidade e a confiabilidade desse processo no que tange o comportamento e influencia diretamente seus discentes.

Nesta prática, visando uma mediação significativa, é possível direcionar a reflexão sobre o uso dos equipamentos e delimitar, como e quando serão utilizados, ponderando o tempo em que o aluno disponibilizará para cada efetiva atividade, seja nas relações

familiares, sociais, pessoais e não obstante, seu tempo ocioso, ao qual exige maior cautela, visto que, no espaço virtual não existem fronteiras, ou amarras que coíbam o acesso.

Aliando-se a tecnologia, a educação estará proporcionando ao docente e ao educando uma interpretação do mundo mais abrangente, permitindo que tanto um quanto o outro transformem o conhecimento adquirido em competência, apropriando-se daquilo que realmente é adequado, construindo uma visão mais crítica e seletiva, aperfeiçoando a prática pedagógica e conquistando com êxito o processo de ensino aprendizagem.

Considerando essa “nova” gênese da educação, e tentando encontrar caminhos que norteiem esta aliança, educação e tecnologia, sob o ponto de vista da cognição, inclusão e construção do conhecimento, este artigo discorre fazendo referência a autores como, Gardner (1995) que aponta as ciências cognitivas como uma nova forma de compreender e explicar a cognição, como um empreendimento contemporâneo que busca base empírica para responder a importantes questões epistemológicas sobre a natureza, origem, desenvolvimento e emprego do conhecimento pelo homem.

2. Educação no Contexto Sócio-Digital

Partindo do princípio de que, segundo Mariotti, “a vida é um processo de conhecimento” (apud MATURANA, 2007, p. 07) é de fundamental importância que a educação interceda positivamente neste processo, interpretando e traduzindo as relações sociais para que possa assumir seu papel na efetiva construção do conhecimento.

Assumir uma postura ética e justa em um âmbito coletivo não é tarefa fácil, discutindo e refletindo neste aspecto Elias (1994, p. 17) afirma:

“Na vida social de hoje, somos incessantemente confrontados pela questão de se e como é possível criar uma ordem social que permita uma melhor harmonização entre as necessidades e inclinações pessoais dos indivíduos...”

Como resistir ao sedutor mundo da informação que envolve a sociedade num estímulo constante pelo consumo, criando necessidades artificiais, deturpando mentes em busca incessante pelos apelos da mídia do “belo” da “perfeição”, situação esta perigosa, mas real e extremamente tentadora no mundo virtual. O cenário globalizado é um fenômeno da sociedade contemporânea e que atinge diretamente o dia-a-dia dos indivíduos, modificando relações e abrangendo praticamente todas as áreas: a economia, as finanças, a ciência, a tecnologia, as comunicações, a política e é claro, afetando diretamente a educação.

Citando a educação, já mencionado anteriormente seu papel, é relevante acrescentar, que segundo Aguilar (2003, p.10) “conhecimento é nada, ou quase nada se não soubermos usá-lo adequadamente, apropriadamente e corretamente nas mais variadas situações da vida pessoal e profissional”, portanto, encontrar meios que promovam a qualificação do ensino é o desafio constante dos educadores, que comprometidos a sua função, buscam atualmente nas TIC uma maneira de aperfeiçoar o processo e garantir competência no exercício de suas funções.

Neste aspecto, Sancho aborda que, “as escolas devem integrar os novos meios para todos os alunos em todos os aspectos do currículo (...) é preciso revisar as visões sobre o currículo, assim como nossas convicções sobre como propiciar os melhores processos de ensino e aprendizagem. (SANCHO, 2006, P. 28)

Introduzir as TIC num ambiente educacional favorável as necessidades emergentes, e não como uma disciplina isolada, é um dos grandes desafios da educação, a inserção de um programa de Inclusão Digital no coletivo requer um minucioso trabalho investigativo e incentivador, porque não é possível prever as reações e/ou aceitações no cotidiano social, visto que, as intenções podem não estar voltadas aos interesses de toda uma comunidade, ao qual muitas vezes desconhece os benefícios dos recursos tecnológicos.

Segundo Dantas, “Os diferentes modelos de cidade digital – inteiramente público, inteiramente privado ou mediante parcerias público-privadas (PPP) – têm se multiplicado pelo país, com resultados surpreendentes em alguns casos.” (2008, p.11). E ancorando aos mais diversos exemplos já existentes, afiguram-se muitas dificuldades, entre elas: são inteiramente inclusivos?; atendem as necessidades específicas de toda população?; transformam em sua totalidade informação em conhecimento?; maximizam o processo ensino-aprendizagem?; garantem a sustentabilidade e continuidade?

Mediante a todos esses questionamentos, as adversidades convergem para uma reflexão mais apurada e delicada, situação esta que Levy (2001, p. 48) compreende como

“nova forma de apreensão dos conflitos”, onde a cada segundo geram-se disparidades, e ademais, geradas pelo próprio homem e que tendem a tornarem-se cada vez mais profundas, pois suas necessidades aumentam dia após dia e acrescenta ainda, “os homens têm um extraordinário apetite para a interconexão (...) indícios apontam para um futuro cada vez mais marcado pelo mercado capitalista, ciência e a técnica” (LEVY, 2001, p. 57).

Portanto, pensar em “como” aliar este novo espaço definido pelo autor como “ciberespaço” é provocante, e para a educação um desafio.

Na medida em que a intervenção se processa e rompe o tradicional, o indivíduo adere e incorpora ao seu cotidiano as mudanças, estabelecendo conexão em seus aspectos culturais e tornando-as corriqueiras a sua vivência diária. Este é o momento oportuno para que a escola intervenha no intuito de “propiciar sistematicamente a interpretação das mensagens veiculadas nos meios de comunicação eletrônicos e a familiarização com a estética, a linguagem e o funcionamento das tecnologias em geral. (SAMPAIO, 1999, p. 62)

Neste sentido a intervenção da escola num plano tecnológico-pedagógico, pode promover uma releitura das relações interpessoais e uma interpretação mais coerente quanto às informações e valores transmitidos via tecnologia.

Levy (2001, p.152) interpreta a intervenção da tecnologia à cultura social como “cibercultura” e acrescenta que, o ciberespaço será o principal ponto de apoio de um processo ininterrupto de aprendizagem e de ensino da sociedade por si mesma (...) todas as instituições humanas irão se entregar e convergir para uma inteligência coletiva sempre capaz de produzir e explorar novas formas (LEVY, 2001, p.152)

Nessa convergência, a utilização de ambientes informáticos de aprendizagem tem que estar atrelados a uma filosofia de educação que ajude a superar o processo de exclusão escolar intramuros que atualmente acontecem em nosso país. E garantindo que propostas pedagógicas sejam realizadas, evidentemente, os computadores e seus aplicativos por si só não trarão mudanças efetivas, se não vierem acompanhados de propostas metodológicas que valorizam a construção do conhecimento e de sua importância na realidade social do aluno.

Numa perspectiva de aprendizagem flexível e aberta às Novas TIC, a implantação de um ambiente tecnologicamente favorável às necessidades pedagógicas existentes, responde as expectativas de fazer uso da tecnologia no intuito de promover o desenvolvimento econômico e social.

Intenções como estas, já vem sendo aplicadas e multiplicadas por todo país, em projetos como “Cidade Digital”, que visam à inclusão sócio-digital, e que mesmo enfrentando uma série de obstáculos, dificuldades no âmbito financeiro, regulatório ou tecnológico, a montagem de redes municipais de acesso a internet apontam melhoria nos indicadores sociais, educacionais e econômicos. Perfil este desejado por municípios de pequeno porte, de baixa arrecadação, pois, fortalecendo indicadores, conseqüentemente remete-se a análise positiva da implantação de programas tecnológicos e acabam, por conseguinte, atraindo mais recursos para o município.

Neste aspecto, Dias (2007, p. 12) aponta que dispor de uma infra-estrutura de comunicação faz tremenda diferença para a economia dos municípios e cita o projeto Pirai Digital como um excelente modelo a ser repicado pelo país, reconhecido internacionalmente como o mais bem sucedido projeto de inclusão digital e premiado recentemente, tanto pela estrutura, quanto pelo projeto pedagógico. Bem articulado e bem sucedido em suas parcerias o projeto ainda enfrenta um entrave: a questão da sustentabilidade, tendo em vista que num município de pequeno porte acaba inevitavelmente gerando despesas onerosas e “desatar o nó da sustentabilidade requer uma fórmula legal que permita às prefeituras cobrar de quem pode pagar, ou seja, o cliente residencial” (DIAS, 2007, p.11)

Encontrar a “fórmula” que desate esse “nó” pode parecer irônico, mas se a intenção é promover integração, acessibilidade e conexão a toda sociedade, é preciso ponderar as dificuldades e pensar estratégias que assegurem a conectividade, pois não somente no âmbito econômico, existe ainda o problema topográfico, ao qual assola grande parte do território brasileiro. Os acidentes geográficos encontrados na maioria das cidades localizadas nas proximidades das serras brasileiras comprometem a qualidade do sinal da rede e dificultam a frequência, é o caso de Mangaratiba (RJ), Dantas aponta o programa do município, implantado em 2005, como um desafio, por suas características geográficas:

“localizado entre a Serra das Araras e Baía de Sepetiba, o município abriga muitos morros, um litoral recortado e diversas ilhas. (...) hoje, a infra-estrutura sem fio da cidade é formada por cinco torres e seis antenas WiMAX, 35 antenas Wi-Fi, oito rádios WiMAX, 50 rádios Wi-Fi, dois roteadores e 260 computadores.” (DANTAS, 2008, p. 13)

Analisando este exemplo, que mesmo com obstáculos naturais atende escolas, tele centros comunitários, postos de saúde, centros de informação turística órgãos da administração municipal e subprefeituras, e vitoriosa no ponto de vista inclusivo, outros projetos também estão em expansão e despontam à possibilidade de promover a tão desejada mudança significativa. Mangaratiba Digital não se consolidou definitivamente em termos de cobertura total ao município, mas garante que não há risco de descontinuidade, “pois a tecnologia já se incorporou à rotina do cidadão, que utiliza nos tele centros, nas escolas, nos postos de saúde e em suas residências” (Lemelle apud DANTAS, 2008 p.13)

Planejar a Inclusão Digital, neste sentido, terá sua ancora efetivada na educação, porque a partir do momento em que se pensar em mudança, incorporar a tecnologia na rotina do cidadão, conseqüentemente afetará a mudança de padrões e comportamentos dos cidadãos, o que perpassa a reflexão: inclusão digital começa com a palavra cidadania.

Independente de classe social, localização geográfica, dificuldades de acesso, é providencial incluir o maior número de pessoas possível na sociedade da informação.

Na holística da sociedade de consumo Levy descreve que,

“as classes sociais não existem senão no reino da concupiscência. A idéia de classe social é um impasse tanto quanto a idéia de nação. Não há senão seres em formação. A identificação de classe (...) é um retraimento da consciência, um fechamento na sufocante prisão da consciência dividida.” (LEVY, 2001, p.159)

Portanto, objetivando promover a interpretação da realidade tecnológica numa perspectiva de transformação e construção do conhecimento, faz-se necessário esclarecer que sociedade pretende-se construir, que caminho orientar se diariamente confronta-se ao estímulo do gozo material. Alimentado pela mídia, o cidadão busca incessantemente a inovação de padrões, em contrapartida diariamente produz-se uma massa de excluídos, um público que não consegue acompanhar o processo e inerente as suas condições financeiras, isola-se e por interiorizar sua impotência passa a dividir-se em classes.

Avaliando todo o processo, provocativo e desafiador, que a implantação de uma mudança pode promover num contexto social, afigura-se a necessidade de examinar qual o melhor modelo, no âmbito inclusão digital, que positivamente gere a transformação e contribua para a evolução da sociedade, contemplando todas as exigências, assegurando acessibilidade a todos os cidadãos e assumindo uma postura ética num âmbito coletivo.

3. Relação da Gestão do Conhecimento – Cognição e Mídias no Processo Ensino-Aprendizagem

Entender a gestão do conhecimento, a cognição e as mídias no processo de ensino-aprendizagem remetem-nos a pensar em como uma organização será o agente facilitador e/ou potencializador do processo, pois, segundo Aguiar (2006), “as organizações, enquanto meio social no qual os indivíduos estão inseridos, exercem uma função estimuladora ou bloqueadora do desenvolvimento cognitivo”.

Nesse sentido o processo de aprendizagem nas organizações está intimamente ligado à cognição, sendo essa individual, mas que gera nas organizações um processo de aprendizagem coletiva.

Segundo Fleury & Fleury (2007), “a aprendizagem é um processo neural, que leva a construção de memória, aquilo que se aprender depois de esquecer é como se nunca tivesse aprendido” (p. 39).

Porém antes de falarmos sobre o processo de aprendizagem e a cognição existe uma fase anterior que envolve a informação. Bastos (2007) diz que:

“O processamento de informação envolve uma sequência serial de operações simbólicas que incluem capturar, codificar, comparar, transformá-las e armazená-las atualizadas. Tais ciclos *captura-opera-armazena* ocorrem em uma escala temporal compatível com as demandas ambientais (tempo real), dentro de um postulado de linearidade e aditividade”. (p. 87)

Assim o processo de informação também está diretamente ligado à aprendizagem, pois ambos possuem uma relação direta com a cognição. São inúmeras as formas de aprender e cada pessoa é única nesse processo, pode-se aprender lendo, ouvindo, errando, na prática, vivenciando e observando entre outras.

“... a conjugação de situações de aprendizagem que podem propiciar a transformação do conhecimento em competência, essa transformação, só acontece em um contexto profissional específico, pois a realização da competência deverá não apenas agregar valor ao indivíduo, mas também a organização.” (Fleury & Fleury, 2007 p. 41).

No cerne deste processo, as mídias, independente da sua forma de expressão, ou veículo de condução da informação, geram nos indivíduos, desejos, curiosidades, anseios, e afloram necessidades latentes, seja por cor, odor, forma, calor, tempo, visualização, que reportam na ancoragem emocional a memória seletiva.

Assim, tanto pelo senso comum, como pelo formador de opinião podem direcionar o consumo de produtos e serviços. As formas de expressar das mídias são focadas para cada tipo de público e se classificam, por renda, idade, sexo, costumes, culturas, comportamentos e outros sub-grupos de classificação.

Especificamente na condição de ensino–aprendizagem, independentemente do ambiente interno ou externo (dentro ou fora da escola) as mídias disponibilizadas hoje são as mesmas de qualquer ambiente social. Isso permite ao aluno um senso crítico maior, no entanto, ao mesmo tempo em que o torna mais crítico o torna mais vulnerável, pois o volume de informação e a diversidade ofertada a ele sem uma orientação docente qualificada e atualizada, o coloca a mercê do mercado, seja ele qual for. A escola, como facilitadora na formação do caráter do aluno, gestora, e mediadora do conhecimento tem a responsabilidade solidária de orientar o melhor caminho, e assim agir, inferir, intervir, prever, se antecipar e se adequar nesse processo.

Neste sentido, fazendo um adendo ao ambiente virtual, observa-se a dinamicidade e velocidade da comunicação como um agente não apenas modificador, mas também capaz

de pluralizar e acelerar as competências do educando no que diz respeito a atratividade e interatividade do meio educacional.

Percebendo a inquietude do corpo discente, o termo “ciberespaço” defendido por Levy é definido por Lemos (apud FREIRE, 2008) como “hipertexto mundial interativo auto - organizante” e por sua multiplicidade de ações, “é o ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes” (FREIRE, 2008 p.81)

O autor acrescenta ainda que “a escola contemporânea precisa ser problematizadora, desafiadora, agregadora de indivíduos pensantes que constroem conhecimento colaborativamente e de maneira crítica”. (FREIRE, 2008 p.73)

No que tange o processo de aquisição de conhecimento é clara a relação entre a gestão do conhecimento, as ciências cognitivas e as mídias no processo ensino-aprendizagem.

Nas instituições educacionais a relação dos mesmos também fica evidente, como já foi mencionado o processo de aprendizagem acontece tanto pelo indivíduo, quanto pelas relações que o mesmo estabelece com as relações sociais, e as escolas devem ser ambientes facilitadores desse processo de aprendizagem. Isso por que segundo Aguiar (2006) sem esse estímulo, muitos indivíduos jamais atingirão realmente sua capacidade mental.

Aguiar (2006) diz ainda que:

“As organizações podem, portanto, controlar o desenvolvimento cognitivo de seus membros, à medida que selecionam as ações do indivíduo e as orientam em dada direção desejada por ela. Para que o indivíduo, em dado contexto social, possa desenvolver seu processo de perceber e pensar, é necessário que os instrumentos para esse desenvolvimento lhe sejam possibilitados”. (AGUIAR, 2006 p. 259)

Perante a necessidade de ordenação e estruturação de uma organização sócio-digital, a utilização de ferramentas contempla e dinamiza o processo, promovendo mais facilmente a transformação e estímulo às habilidades mentais dos grupos de indivíduos.

Nesta ótica, podemos perceber que, numa perspectiva cognitivista, a utilização e implementação de um ambiente virtualmente educativo atende a capacidade de compreensão e interiorização do conhecimento, desenvolvendo a real habilidade do “aprender a aprender”.

4 Gestão empreendedora: visão holística no processo ensino-aprendizagem

Numa perspectiva educacional, o “aprender a apreender” pode ser mediado, do ponto de vista do docente e pautado em ações mais dinâmicas e interativas, com o “aprender a empreender”, direcionando e estimulando sua atividade em uma prática focada em resultado e não tentativas de sucesso mal sucedidas.

Criar um ambiente estimulante, atrativo e dinâmico requer uma análise mais apurada, que imerso em uma visão organizacional converge para a prática empreendedora, na capacidade de criação e inovação, ao qual na abordagem neo-shumpeteriana (apud VALE, 2008) define como “agente de inovação”, que por excelência, é o agente detentor dos mecanismos de mudança.

Na concepção de Schumpeter (apud VALE, 2008) o empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa, é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais. O que demonstra, a viabilidade de aplicar a gestão empreendedora como agente ativo e criativo no processo de ensino-aprendizagem.

Neste contexto percebe-se que a visão empreendedora permite por sua capacidade de inovação e criatividade, a resolução de problemas, sejam de ordem econômica, social ou educacional. E como agente inovador pode promover no âmbito educacional o impulso e estímulo para que espontaneamente ocorra um “*insight*”, que o processo de construção do conhecimento efetivamente aconteça e seja a o despertar pelo interesse e sagacidade da busca pelo saber.

Fazendo um adendo ao processo de criação, Amábile (apud ANGELONI, 2008), considera criatividade como produção de idéias novas e apropriadas por um indivíduo ou grupo pequeno que trabalhe em conjunto, portanto, promover a simbiose entre criatividade, empreendedorismo, tecnologias e processo ensino-aprendizagem é salutar, visto a necessidade de encontrar agentes que facilitem a mediação. Além do estímulo e da busca por agentes facilitadores, a autora preconiza que a tecnologia possibilita novos comportamentos ligados ao conhecimento. Salienta ainda que,

“a tecnologia desempenha papel essencial na Era do Conhecimento, consistindo na adoção de ferramentas e métodos que objetivam facilitar a captação, a estruturação e a disseminação do conhecimento anteriormente desestruturados e disperso na organização ou restrito a poucas pessoas por meio de manuais e normas complexos, tendo em vista a sua utilização de forma estratégica e racional por todos os colaboradores.” (ANGELONI org., 2008 p. 247)

Se o advento da era digital impulsionou e permitiu maior velocidade e agilidade na comunicação e tendo em vista que é essencial para a Era do Conhecimento, o campo educacional deve prover de mecanismos que associem a dinâmica de seu entorno com suas práticas diárias, para que no cerne da aprendizagem seu público alvo, que vem sedento pelo conhecimento, não se depare com uma realidade completamente aquém de capacidade cognitiva.

Entre os desafios diários e a necessidade de mudança, é de fundamental importância pensar em ações conjuntas, sincronizar a prática docente como potencializador do processo criativo e cognitivo, mediar sua prática numa ótica de ação – inovação, como empreendedor na gestão do conhecimento, aliar-se as TIC’s numa perspectiva de alavancagem e estímulo, tornando assim possível visualizar o ensino em sua excelência, socializando, externalizando, combinando e internalizando saberes.

5. CONCLUSÃO

Percebendo a partir dos pilares já conhecidos – aprender a conhecer, a fazer, a conviver, e a ser – que um novo conceito desponta e vem quebrando estruturas e rompendo paradigmas educacionais pré-estabelecidos, o “aprender a empreender”, remete a uma nova discussão no ambiente educacional, onde o professor deve contribuir como gestor do conhecimento, mediando o processo sendo o facilitador cognitivo.

A proposta apresentada neste trabalho foi, de fazer uma revisão da literatura, procurando descrever os aspectos a respeito das TIC, a relação entre a gestão do conhecimento, as mídias, a visão empreendedora no processo cognitivo, e a atuação das mesmas frente às modificações e exigências ao novo processo educativo.

A partir dessa revisão da literatura fica clara a relação entre esses temas no que tange a necessidade de buscar instrumentos facilitadores que promovam uma mediação significativa. As instituições educacionais são responsáveis pelo estímulo aos indivíduos, pois só a partir de estímulos, é que, o processo de criatividade remete ao desenvolvimento da cognição. Mesmo sabendo que se pode apreender individualmente, a aprendizagem é maior nos contextos sociais, pensados e defendidos aqui no âmbito da inclusão digital.

Assim sendo, elucidamos que o tema não se esgota aqui, que a pesquisa bibliográfica nos remete a identificação do quanto é vasto o campo do estudo da aceleração do processo de ensino-aprendizagem numa perspectiva cognitiva tecnológica, objetivando impulsionar e potencializar o desenvolvimento do processo de aquisição de conhecimento.

Neste contexto percebendo a relevância da discussão sobre o tema apresentado, o artigo visa provocar uma reflexão de forma a nortear o estudo, percebendo a atual conjuntura, ampliando a ótica educacional, onde, os segmentos participantes, absorvam as oportunidades que lhe são ofertadas, permitindo assim, os encaminhamentos e direcionamentos de alavancagem do processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. A. F. **Psicologia aplicada à administração: uma abordagem interdisciplinar**. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

AGUILAR, Marcelo A. **Era do Conhecimento ou da competência?** Abceducatio: a revista da educação, São Paulo, Criart Ltda., v. 4, n. 25, p. 10-11, jun. 2003

ALVARENGA, R. C. D. **Gestão do Conhecimento em Organizações: proposta de mapeamento conceitual integrativo**. São Paulo: Saraiva. 2008.

ANGELONI, Maria T. (org.) **Organizações do Conhecimento: Infra-Estrutura, Pessoas e Tecnologia**. 2.ed. São Paulo: Saraiva. 2008.

BASTOS, A. V. B. **A questão da cognição**. IN. DAVEL, E & VERGARA, S. C. (Org). **Gestão com pessoas e subjetividade**. São Paulo: Editora Atlas, 2007.

DANTAS, Vera. **Cidades Digitais: até quando?** A Rede: Tecnologia para a Inclusão Social. São Paulo: Momento Editorial, a. 4, n. 39, p. 10- 18, ago. 2008

DIAS, Lia Ribeiro. **A Luz das Cidades Digitais**. A Rede: Tecnologia para a Inclusão Social. São Paulo: Momento Editorial, a. 2, n. 24, p. 10- 17, abr. 2007

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FARIA FILHO, Luciano M. (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: para a história da educação**. Campinas: Autores Associados (Coleção memória da educação), 2000.

FLEURY, M. T. L. & OLIVIRA Jr, M. M, **Aprendizagem e gestão do Conhecimento**. In: FLEUTY, M. T. L.(coord.). **As pessoas na organização**. 9 ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.

FREIRE, Wendel (org.). **Tecnologia e Educação: As mídias na prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2008.

GARDNER, H. A. **A nova ciência da mente**. São Paulo: Edusp, 1995.

LEVY, Pierre. **A conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. São Paulo: Editora 34, 2001.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MATURANA, Humberto R. ; VARELA, Francisco J. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Atenas, 2001.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H.; tradução Ana Thorell. **Gestão do Conhecimento**. Porto Alegre: Boockman, 2008.

PELLANDA, Nize M. C. e Eduardo C. (org.). **Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévy**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

SAMPAIO, Marisa Narcizo. **Alfabetização Tecnológica Do Professor**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANCHO, Juana Maria (org.). **Para uma Tecnologia Educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **Tecnologias para Transformar a Educação**. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

VALE, G. M. V. **Empreendedorismo, inovação e redes: uma nova abordagem**. Vol.7 n.1. RAE Eletrônica. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482008000100008&lang=pt acesso em 19/08/2009.

VOSGERAU, Dilmeire S. R. **A Tecnologia Educacional Face à Evolução das Correntes Educacionais: as contribuições da psicologia cognitiva**. Contrapontos, Itajaí, UNIVALLI, v. 7, n. 2, p. 269-281, mai/ago. 2007.